José Ornelas
Bispo de Leiria-Fátima

IGREJA SINODAL, MINISTERIAL E MISSIONÁRIA

Carta Pastoral 2026-2030

José Ornelas
Bispo de Leiria-Fátima
Leiria, 2026

Carta Pastoral 2026-2030

IGREJA SINODAL, MINISTERIAL E MISSIONÁRIA

"A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum" (1Co 12,7)

A todos os irmãos e irmãs que, pelo Batismo, partilham a vida e a missão desta Igreja de Leiria-Fátima:

Aos irmãos no Episcopado e aos Presbíteros e Diáconos em comunhão, ministério, oração e serviço; aos consagrados e consagradas na vida religiosa e no apostolado laical; aos leigos e leigas ao serviço das comunidades e nos serviços de formação e missão, a todos os que se encontram doentes e participam com a sua oração e sofrimento na vida da Igreja e na sua missão; a todos os que buscam o sentido do caminho da vida de coração livre e sincero e se empenham na construção de um mundo justo, fraterno e em paz.

† José Ornelas Carvalho, Bispo de Leiria-Fátima

Leiria, 4 de outubro de 2026.

PALAVRA DE INTRODUÇÃO

Caríssimos irmãos e irmãs,

[1] Saúdo a todos e a todas no Senhor Jesus, e dou-lhe graças pelos inúmeros dons que concede a esta parte da sua Igreja, pelo dom do seu Santo Espírito, sobretudo pela vossa presença e participação na comunidade em que viveis e na nossa Igreja Local, na medida da graça que cada um recebeu de Deus. Penso que a maioria dos que vão ler esta Carta Pastoral está, de algum modo, ao serviço da Igreja, assumindo o chamamento batismal para estar ativo e corresponsável nas nossas comunidades, em atitude missionária.

[2] Iniciamos este Projeto Pastoral quadrienal da nossa Igreja de Leiria-Fátima, tomando como tema e foco os ministérios ao serviço da comunhão e da missão da Igreja: "Igreja Sinodal, Ministerial e Missionária". Na tradição da Diocese, os Projetos Pastorais assumem-se normalmente por um triénio. Este que agora se inicia é proposto para um quadriénio, a fim de que se possa desenvolver com maior intensidade o programa previsto e também para que o quarto ano tenha um tom celebrativo, com duas evocações muito significativas relativas aos padroeiros da nossa Igreja de Leiria-Fátima, Santo Agostinho e Nossa Senhora de Fátima. De facto, em 2030, celebraremos 1600 anos da morte de Santo Agostinho (28-08-430) e 100 anos do reconhecimento canónico das Aparições de Fátima como "dignas de crédito", pelo então Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Siva. O objetivo é que o exemplo dos nossos patronos possa acompanhar e caraterizar os objetivos do Projeto proposto.

[3] Iniciamos este Projeto Pastoral na sequência do caminho de transformação sinodal proposto pelo Papa Francisco, e continuado pelo ministério do Papa Leão XIV, assumindo como percurso pastoral o Documento Final do XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de 2023 – 2024 (DFS), declarado pelo Papa Francisco como "Magistério da Igreja" e por ele assinado e enviado para publicação, a 26 de outubro de 2024, na conclusão do Sínodo.

[4] O que agora se propõe encontra-se também na continuação do anterior projeto pastoral da Diocese para 2023-2026 – *Pelo Batismo somos Igreja Viva e Peregrina* – apresentado pela Carta Pastoral de 4 de outubro de 2023. Na verdade, é pelo Batismo, dom fundamental do Espírito que nos torna filhos e filhas de Deus, irmãos e irmãs na Igreja, que cada um de nós é integrado na família de Deus e capacitado para colaborar na edificação desta e da sua missão, graças aos dons concedidos pelo Espírito Santo.

[5] Da avaliação feita sobre o triénio agora completado, deduz-se que alguns dos objetivos foram alcançados, mas também que temos muita estrada a percorrer, na transformação pastoral da nossa Igreja diocesana. As sugestões para a transformação da pastoral do Batismo, constam de documento próprio a ser implementado – *Para uma pastoral renovada do Batismo* – com orientações e metodologias, que continuarão a fazer parte do nosso esforço comum de transformação. Isto significa que, não concluímos nem encerrámos um programa para iniciar outro, mas simplesmente que é a partir do Batismo, e assumindo as suas consequências, que podemos continuar a transformação da Igreja, concretamente no esforço concreto de instituição dos ministérios laicais na vida das comunidades.

[6] **A Carta Pastoral compõe-se de quatro capítulos**, correspondentes aos capítulos 2 a 5 do DFS, que contém as orientações sinodais da Igreja para a sua transformação.

1. *Filhos e irmãos pelo Batismo - Conversão das relações – DFS, Cap. 2*, que resume e aplica aos ministérios a realidade de batizados e da sua inserção e missão na Igreja;
2. *Igreja sinodal nos dons, ministérios e serviços - Conversão dos processos – DFS, Cap. 3*, o fundamento e reflexão sobre o ser ministerial da Igreja;
3. *Unidades Pastorais - A conversão das ligações – DFS, Cap. 4*, que, na sequência sinodal, encontra nela as raízes e desafios das Unidades Pastorais;
4. *Igreja ministerial em Missão - Formar um povo de discípulos missionários – DFS, Cap.5*, que perspetiva os diversos ministérios na missão da Igreja.

[7] Na nota de acompanhamento, para a publicação do DFS, o Papa Francisco afirma que *"as Igrejas Locais e os agrupamentos de Igrejas são agora chamados a implementar, nos diversos contextos, as orientações aprovadas contidas no Documento, através dos processos de discernimento e de decisão previstos pelo Direito e pelo próprio Documento"*[1].

[8] Esta recomendação é uma indicação importante para a leitura e a utilização da presente Carta Pastoral. Ela representa, antes de mais, o propósito de aceitação das orientações sinodais, na nossa Igreja Local e o esforço de transformação que essas orientações propõem. Nós unimo-nos à indicação do Papa e a toda a Igreja, neste caminho de transformação comum, perante o mundo complexo e em veloz transformação em que vivemos. Por isso, a Carta pretende apenas ser um contributo para promover, na nossa Igreja Local, a conversão pedida a toda a Igreja.

[9] Que o Espírito do Senhor ressuscitado nos ilumine, reúna e oriente e que o exemplo de Maria, que *"partiu apressadamente"* (Lc 1,39) a levar Jesus a Israel e ao mundo, modele a nossa atitude de prontidão para acolher e tornar em vida e missão aquilo que o Espírito nos sugere.

[1] cf. *Lumen*, Ano 85, Série III, nº 6, Nov./Dez. 2024) pg. 14.

1. FILHOS E IRMÃOS PELO BATISMO

Conversão das relações – DFS Cap. 2

> "O caminho sinodal da Igreja levou-nos a redescobrir que a variedade das vocações, dos carismas e dos ministérios tem uma raiz: «todos nós fomos batizados num só Espírito para constituirmos um só Corpo» (1Cor 12,13). O Batismo é o fundamento da vida cristã, porque introduz todos no maior dom: ser filhos de Deus, isto é, participantes da relação de Jesus com o Pai, no Espírito." (DFS 21).

1.1 Filhos e filhas, irmãos e irmãs, em Igreja

[10] Como Igreja de Leiria-Fátima, percorremos os últimos três anos à luz do dom do Espírito no Batismo, procurámos refletir e converter o coração, os processos e as estruturas, para nos aproximarmos do ideal de uma Igreja de comunidades vivas, fraternas e missionárias. Esta realidade batismal não é um caminho e uma aprendizagem que agora se encerram para iniciar outra etapa. O Batismo é sempre a base de onde se parte, a atitude e identidade que sempre se mantém, a fonte aonde continuamente voltamos para nos renovarmos pessoalmente e como Igreja.

[11] O caminho batismal continua a convidar-nos a sentir sempre, no nosso coração, as palavras que o Pai, na presença do Espírito, pronunciou quando Jesus saiu da água do Batismo, no rio Jordão: *"Tu és o meu Filho querido!"* (Mc 1,11). Para Jesus, ser o "Filho querido" é, antes de mais, estar em comunhão existencial com o Pai, no Espírito Santo. Nele, também nós nos tornamos "filhos e filhas queridos". Por isso é que nos ensina a rezar juntos "Pai nosso que estás no Céu…" – a oração dos irmãos.

[12] Além disso, para Jesus, ser Filho significa pensar, agir, viver, segundo o modo de ser do Pai: *"Nada faço por mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai me ensinou"* (Jo 8,28); *"Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós"* (Jo 20,21). Assumir esta atitude filial, em Cristo, é o princípio da vida de cada pessoa que recebe o Batismo, a fonte da sua alegria, do seu dinamismo missionário e da sua esperança que se abre à plenitude da vida em Deus.

[13] A comunhão pessoal com Cristo, no Batismo, arranca-nos do individualismo e do isolamento, faz-nos renascer pelo Espírito e leva-nos sempre a constituir uma comunidade de irmãos e irmãs, na diversidade que cada um leva consigo.

[14] O evangelista Marcos narra-nos, nos primeiros capítulos do seu Evangelho, uma sequência reveladora deste processo transformador:

- Jesus chamou individualmente alguns discípulos pelo nome (cf. Mc 1,16-20; 2,13-17);
- Mas foi-os reunindo para formarem um grupo que O seguia e que foi aprendendo, e sobretudo experimentando, o modo de realizar esse Projeto de Deus.
- Era um grupo de pessoas oriundas das diversas partes de Israel, mas também dos povos vizinhos: *"Seguiu-o uma imensa multidão vinda da Galileia, da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, de além-Jordão e das cercanias de Tiro e de Sídon, uma grande multidão veio ter com Ele, ao ouvir dizer o que Ele fazia"* (Mc 3,7-8).
- De entre esses muitos que o seguiam, *"constituiu Doze, para estarem com Ele e para os enviar a anunciar, com o poder de expulsar demónios"* (Mc 3,14s). Esses haviam de ser o núcleo inicial e determinante da futura Igreja.

[15] **A transformação do Evangelho conduz sempre a uma comunidade, forma a Igreja**. É esse grupo variado de pessoas de diversas origens que Jesus designa como sua família: *"percorrendo com o olhar os que estavam sentados à volta dele, disse: «Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.»"* (Mc 3,34s).

1.2 Edificar a Igreja como filhos e filhas de Deus, oriundos de toda a terra

[16] **A Igreja nasce, no Pentecostes, pela ação do Espírito**, que une, como irmãos e irmãs, pessoas oriundas de uma grande diversidade de línguas e nações. E cada um ouvia, na sua própria língua, a palavra da unidade e da vida, anunciada por Pedro: *"Atónitos e maravilhados, diziam: «Mas esses que estão a falar não são todos galileus? Que se passa, então, para que cada um de nós os oiça falar na nossa língua materna?»"* (At 2,7s).

[17] Na sequência do Pentecostes, os Atos dos Apóstolos descrevem assim **a primeira comunidade de Jerusalém**: *"Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações… Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um… E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação."* (At 2,42…47). Por muito idealizada que possa parecer esta descrição, ela contém o ideal e o desafio de qualquer comunidade: família, paróquia, diocese… Igreja no seu todo. Uma comunidade assim, torna-se semente e testemunho de um mundo transformado e é, em si mesma, anúncio de Jesus que convence e chama novos irmãos.

[18] A fé em Jesus, a Igreja e a missão nunca são uma questão individual; **são sempre uma questão de relações**, com Deus, com a Igreja, com a sociedade, como diz o Sínodo de 2024: *"Para ser uma Igreja sinodal é necessária, portanto, uma verdadeira conversão relacional"* (DFS 50). A qualidade das relações, na família e na comunidade cristã, é o termómetro que indica o grau da nossa fidelidade a Cristo e ao seu Evangelho: *"Conhecerão todos que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros"* (Jo 13,35).

[19] **É necessário que cada pessoa batizada se interrogue sinceramente e abra o coração** para discernir o que é que Deus lhe pede, como contributo para a edificação da comunidade e para o anúncio do Evangelho em todo o mundo. É com esta atitude de coerência de vida e de conversão do coração que podemos contribuir para uma Igreja sinodal, participar com os nossos dons na construção da comunidade através dos ministérios e cooperar na missão que a todos diz respeito.

2. IGREJA SINODAL NOS DONS, MINISTÉRIOS E SERVIÇOS

Conversão dos processos – DFS Cap. 3

> "Como num só corpo, temos muitos membros, mas os membros não têm todos a mesma função, assim acontece connosco: sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, mas individualmente, somos membros uns dos outros. Temos dons diferentes, consoante a graça que nos foi dada: se é o da profecia, que seja em sintonia com a fé; se é o do serviço, seja para servir; se é o de ensinar, seja no ensino; se é o de exortar, seja na exortação; quem reparte, faça-o sem oportunismo; quem preside, faça-o com solicitude; quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria." (Rm 12,4-8).

2.1 Carismas e Ministérios - serviço e corresponsabilidade na construção da Igreja

[20] Através do Espírito batismal, somos a presença viva de Jesus (o seu Corpo) no mundo. Enquanto andava pelos caminhos da Palestina, Jesus proclamava o Reino de Deus, multiplicava e partilhava o pão com os famintos, cuidava dos doentes, presidia e conduzia o grupo dos discípulos... A Igreja, Corpo peregrinante e sinodal (em conjunto), na variedade dos dons recebidos, cultivados e exercidos, continua essa presença cuidadora e salvadora de Jesus em cada comunidade e no mundo.

[21] É em Cristo que se entendem, estimam e promovem os diferentes dons, ministérios e serviços na Igreja[2]. Os dons devem, antes de mais, ser acolhidos com humildade e gratidão: tudo é dom e graça de Deus, que comporta alegria e esperança, mas também trabalho, esforço, coerência e compromisso. Pelo Batismo, todos somos corresponsáveis e diretamente implicados na vida da nossa comunidade eclesial. Quando se falha nessa atitude e participação, a comunidade fica mais pobre e a missão perde vigor.

[22] O Sínodo chama "Conversão dos Processos" a este esforço pessoal e comunitário de transformação da comunidade para a missão interna e externa, isto é, a mudança dos modos de ser, de participar ativamente e de gerir que influenciam o modo de ser comunidade e de contribuir para a sua vida e missão[3]. Viver sinodalmente a fé significa implicar-se nesta transformação que altera, não apenas os relacionamentos entre as pessoas, mas igualmente os procedimentos e os estilos de organização e liderança para a missão.

[23] Por outro lado, **o discernimento sobre os dons e o processo de decisão sobre os ministérios** implica a Igreja à qual eles se destinam, como diz o *Documento Final do Sínodo*: *"Numa Igreja sinodal, a competência decisória do Bispo, do Colégio Episcopal e do Bispo de Roma é inalienável, porque radicada na estrutura hierárquica da Igreja instituída por Cristo ao serviço da unidade e do respeito pela legítima diversidade (cf. LG 13). No entanto, não é incondicional: uma orientação que surja no processo consultivo como resultado de um correto discernimento, especialmente se levado a cabo pelos órgãos participativos, não pode ser ignorada. Uma oposição entre consulta e deliberação é,*

[2]Neste documento, os termos "Dom" e "Carisma" designam uma qualidade humana ou espiritual recebida de Deus e assumida, desenvolvida e utilizada para o bem da comunidade. "Ministério" é o exercício de uma função ou serviço na Igreja, baseado num dom recebido, seja no "Ministério Ordenado" (Bispo, Presbítero, Diácono), seja nos "Ministérios Laicais", instituídos ou reconhecidos e confiados pela autoridade eclesial competente (Catequista, Leitor, Acólito e outros). "Serviço / Tarefa" designa qualquer forma de atender às necessidades da comunidade, de forma benévola ou retribuída, no campo pastoral, administrativo, caritativo ou outro. Tal não significa que os "ministérios" não sejam serviços. Tudo é serviço; mas alguns desses serviços são chamados "ministérios" (que também significa "serviços", na origem latina da palavra), pela sua fundamental e estruturante ligação à vida e à missão da Igreja, através do Espírito.

[3]Cf. DFS, capítulo III, *"A conversão dos processos"*, nº 79-108.

portanto, inadequada: na Igreja, a deliberação realiza-se com a ajuda de todos, nunca sem que a autoridade pastoral decida em virtude do seu ofício." (DFS 92).

[24] **O carácter hierárquico não pretende, porém, recuperar a estrutura piramidal da Igreja**, nem estabelecer graus de importância e poder no seu seio. Serve antes para acolher, preparar e colocar ao serviço de todos a diversidade dos dons de Deus e dos serviços que eles geram, numa unidade corresponsável e articulada, de acordo com a função que cada um deles desempenha. Para todos vale a atitude de ouro do próprio Jesus, Cabeça da Igreja, que se contrapõe a todas as formas de autoritarismo e prepotência: *"Não é assim entre vós! Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se servo de todos. Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate pela multidão."* (Mc 10,42-45).

[25] Por isso, **não há verdadeira sinodalidade dos ministérios e serviços sem uma autêntica comunhão existencial com Cristo**, no seu Espírito. Sem essa referência fundamental, é fácil cair na babel das ideologias e na luta pelo poder, pessoal ou de grupo. Tanto na família como na Igreja, é necessário que nos olhemos e escutemos mutuamente, mas é prioritário que se comece sempre por olhar, juntos, para o alto e por escutar com o coração aquilo que diz o Espírito. Assim agiu Jesus para discernir e escolher os Apóstolos: *"Naqueles dias, Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus. Quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos."* (Lc 6,12s).

[26] **Uma Igreja sinodal deve ser necessariamente uma Igreja ministerial**, que reconhece, promove e integra os dons do Espírito, para que cada um, segundo a graça recebida, possa colaborar na construção das comunidades e na missão que a todos diz respeito. É preciso que, em cada Paróquia e nas comunidades que a formam, em cada Unidade Pastoral e Vigararia, bem como em cada movimento ou instituição da Igreja, haja órgãos de efetiva corresponsabilidade sinodal, onde, a cada nível, se escute e se colabore na busca e na realização da vontade de Deus.

[27] **Ninguém se feche em si mesmo nem no seu círculo ou comunidade**, mas todos se abram à comunhão com as outras comunidades e à nossa missão comum, como Igreja Local de Leiria-Fátima. Esta, por sua vez, está aberta à comunhão com as Igrejas do nosso país e de todo o Mundo, às quais preside o sucessor de Pedro, neste momento o Papa Leão XIV. Ele é o rosto do Bom Pastor que une toda a Igreja, que a acompanha e dinamiza pelo Seu Espírito para a missão que lhe confia.

[28] Por isso, é necessário que aqueles que exercem os ministérios, particularmente os que têm funções de maior responsabilidade e presidência, **se revistam dos mesmos sentimentos de Cristo** e se configurem com Ele no seu coração: *"Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração"* (Mt 11,29).

2.2 O ministério ordenado

[29] **Entre os dons que o Espírito Santo concede à Igreja, o Ministério Ordenado ocupa um lugar próprio**, como elemento constitutivo da sua vida e missão. Conferido pelo sacramento da Ordem, configura os que o recebem a Cristo para servirem todo o Povo de Deus através do anúncio da Palavra, da liturgia e da caridade, segundo a especificidade de cada um dos seus três graus: Episcopado, Presbiterado e Diaconado. Como diz o documento da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) sobre os ministérios, *"Pelo dom do Espírito,*

recebido mediante a imposição das mãos, estes ministros sagrados perpetuam na Igreja a missão que Jesus Cristo recebeu do Pai e confiou aos apóstolos."[4]

[30] **Neles se manifesta particularmente a importância e a gratuidade dos dons de Deus** para a santificação dos fiéis, para a edificação da Igreja e para o anúncio credível do Evangelho. Na realidade, não é por um poder simplesmente humano que alguém pode dizer: *"Eu te batizo..."*, *"Eu te absolvo dos teus pecados"*, ou *"Isto é o meu Corpo... Este é o Sangue da Nova Aliança"*. Isto só é possível pela presença do poder santificador do Espírito, que a ordenação neste ministério confere, e pela união com a Igreja onde essa graça é transmitida.

[31] Contudo, a presença especial do Espírito de Jesus ressuscitado no **Ministério Ordenado não retira aqueles que o recebem da realidade essencial criada pelo Batismo** e confirmada pelo Crisma. Pelo contrário, é o mesmo Espírito que cria filhos e filhas de Deus que, de entre eles, capacita alguns para este especial serviço na Igreja, tal como acontece com todos os outros ministérios. Como dizia Santo Agostinho, *"para vós sou bispo, convosco sou cristão"*. Quem não permanecer discípulo de Jesus, não pode ser Seu apóstolo.

[32] **Nos três graus do Sacramento da Ordem** está também em evidência o valor e a necessidade da unidade e da comunhão sinodal da Igreja, Corpo de Cristo ressuscitado, do qual Cristo é a cabeça:

O Bispo

[33] **O Bispo é chamado a presidir à comunhão, edificação e missão da Igreja**, continuando o ministério dos Apóstolos, na Diocese que lhe é confiada, à imagem do Bom Pastor. Além disso, é através da sua união com os Bispos das outras Igrejas-irmãs da Conferência Episcopal e, junto com eles e em comunhão com o Papa, sucessor de Pedro, que se realiza a unidade da Igreja pela qual Jesus intercede junto do Pai: *"Como Tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste."* (Jo 17, 21).

[34] **É importante que o Bispo seja particularmente sinodal**, no relacionamento e na escuta de todos, na partilha e na articulação do seu ministério, antes de mais com os Presbíteros e Diáconos e, depois, com todos os outros ministérios, para que ninguém fique esquecido e todos possam colaborar na construção da comunidade e na sua missão.

O Presbítero

[35] **Os Presbíteros, em comunhão com o Bispo, participam da sua missão**, garantindo a unidade e a vitalidade capilar da Igreja em cada paróquia e atividade. O ministério presbiteral é fundamental para a vida e para a comunhão da Igreja Local e para que a todos chegue a graça da Palavra de Deus, dos sacramentos e da solidariedade fraterna, bem como da vitalidade missionária. A sua comunhão com o Bispo e com os Irmãos-Presbíteros não é, simplesmente, uma questão de autoridade e legitimidade do ministério, mas garante e representa a unidade da sua comunidade com toda a Igreja, que leva a uma nova maneira de entender a fraternidade e a liderança, à imagem de Jesus.

[36] Como o Bispo na Diocese, também os Presbíteros, nas comunidades que servem, **são chamados a promover e a coordenar, de forma corresponsável, os outros**

[4] CEP, *Ministérios laicais para uma Igreja ministerial*, 7.

ministérios, garantindo a sua unidade e eficiência, delegando responsabilidades e assegurando a comunhão e a edificação da comunidade, na diversidade dos ministérios que a compõem. Como consequência dessa unidade na diversidade, também o ministério dos Presbíteros terá a possibilidade de dedicar-se mais especificamente à missão santificadora e evangelizadora que o carateriza.

[37] **A constituição das Unidades Pastorais**, que integram várias comunidades servidas por Equipas de dois ou mais Presbíteros, inspira-se naquilo que fez Jesus ao enviar os discípulos dois a dois (cf. Mc 6,7; Lc 10,1). Embora não comporte necessariamente o viver na mesma casa, pretende-se, deste modo, reforçar a fraternidade no seio do Presbitério, a sinodalidade e a colaboração entre paróquias e os seus ministérios, criando sinergias e complementaridade nos serviços e na missão das comunidades.

O Diácono

[38] Os Diáconos, especialmente os que assumem em permanência este ministério, **exercem a sua missão em comunhão com o Bispo e em colaboração com o ministério dos Presbíteros**. O seu papel na Igreja é testemunhado pouco depois do Pentecostes, na comunidade de Jerusalém, como colaboradores dos Apóstolos, para o especial serviço da caridade com os mais carenciados (cf. At 6,1-7). No entanto, o próprio livro dos Atos dos Apóstolos mostra que, desde o início, o seu papel foi muito mais vasto, incluindo a evangelização, a pregação, a comunicação do Espírito pelo Batismo e a criação de novas comunidades, (cf. At 8,4-40). Deste primeiro grupo de sete diáconos fazia parte Estêvão, o primeiro mártir da Igreja (cf. At 6,8 - 7,60).

[39] **Na nossa Diocese de Leiria-Fátima**, temos, graças a Deus, um grupo de candidatos em preparação para o Diaconado Permanente e esperamos que outros se juntem a eles. Exercendo o ministério que lhes é próprio, em corresponsabilidade com os demais ministros e fiéis, enriquecerão a variedade e articulação dos ministérios, abrindo novas possibilidades de acompanhamento das pessoas e comunidades. A sua presença e ação, na atenção aos mais pobres, nas celebrações das comunidades, na pregação, na preparação e administração dos sacramentos, especialmente do Batismo, e na presidência ao Matrimónio, bem como na celebração das exéquias, darão certamente frutos significativos na nossa Igreja e uma maior capacidade de intervenção do Ministério Ordenado, na sua diversidade e complementaridade de funções.

[40] **Escutemos, como Igreja, a recomendação de Jesus**: *"Rogai, portanto, ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe."* (Mt 9,38) e criemos um ambiente de fraterno apoio que ajude jovens e menos jovens a colocarem-se ao serviço do Evangelho em todos os ministérios. Peçamos, de modo especial, pelas vocações ao Ministério Ordenado e por aqueles que estão a exercê-lo nas nossas comunidades, para que sejam Bispos, Presbíteros e Diáconos, segundo o Coração de Jesus.

[41] Este deve ser aliás um dos principais objetivos destes próximos anos: repensar o Seminário Diocesano, o serviço das Vocações, bem como a organização e preparação dos Ministérios laicais ao serviço da nossa Igreja de Leiria-Fátima.

2.3 Os ministérios laicais para toda a Igreja

[42] O Concílio Vaticano II recuperou o **direito e o dever, a vocação e a corresponsabilidade de cada batizado, para a edificação e na missão da Igreja**:

"O dever e o direito ao apostolado advêm aos leigos da sua mesma união com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos pelo Batismo no Corpo místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao apostolado"[5]. Na sequência da reforma do Papa Paulo VI, que configurou o leitorado e o acolitado como ministérios laicais, o Papa Francisco alargou às mulheres o acesso à sua instituição[6]. Além disso, instituiu também o ministério do Catequista, recuperando uma antiga tradição da Igreja e reconhecendo o valor de anúncio do Evangelho desenvolvido por tantos batizados, em todo o mundo[7]. Seguindo o exemplo de outras Igrejas, a CEP publicou também um documento com orientações comuns para a Igreja em Portugal sobre a introdução destes ministérios[8].

[43] À semelhança das outras Dioceses portuguesas, **a nossa Diocese de Leiria-Fátima também tem feito um caminho de reflexão e discernimento** sobre a introdução dos ministérios laicais, liderada pelos Secretariados da Catequese e da Liturgia, bem como do Centro de Cultura e Formação Cristã. O documento com o nome provisório de "*Ministérios Laicais na Diocese de Leiria-Fátima*", que se encontra em estudo, serve de ponto de convergência para o prosseguimento da reflexão em ordem ao discernimento e implementação, na nossa Diocese, dos Ministérios de Leitor, Acólito e Catequista, de acordo com as orientações da Igreja e da CEP.

[44] **A instituição destes ministérios deve ser ocasião para repensar a articulação e as funções** de cada um deles e o seu papel nas comunidades. Esta é a *conversão dos processos*, como lhe chama o capítulo terceiro do Documento Final do último Sínodo, em setores que são fundamentais para as comunidades cristãs: a Palavra de Deus (*Leitores*); a Eucaristia e outras celebrações da comunidade (*Acólitos*); a transmissão da fé às crianças, adultos e catecúmenos (*Catequistas*).

[45] É por isso, também, que os dois primeiros ministérios **não esgotam a sua missão nas celebrações litúrgicas**: Os Leitores devem crescer no conhecimento e aprofundamento da Palavra de Deus, de modo a ajudar os membros da comunidade a seguir o seu exemplo, disponibilizando ocasiões e meios para superar a falta de conhecimento e a iliteracia de que enferma grande parte dos católicos. Também os acólitos não esgotam o seu serviço à volta do altar. A Eucaristia é o resumo da vida da Igreja e, por isso, o acolhimento, a partilha fraterna e, de modo especial, a atenção aos que estão isolados, enfermos, prisioneiros ou incapacitados em suas casas, devem ser objeto de especial cuidado por aqueles que estão ao serviço da celebração, precisamente pela sua ausência ou carência.

2.4 Outros ministérios

[46] Seguindo as orientações do último Sínodo, da Santa Sé e da CEP, bem como o documento em estudo na nossa Diocese sobre os ministérios, somos encorajados a **pensar na possibilidade da instituição de outros Ministérios Laicais**, para responder a situações carentes de atenção na vida pastoral. Tendo em conta experiências já consolidadas noutras Dioceses do nosso país e também em algumas paróquias da nossa Diocese de Leiria-Fátima, estão em estudo dois novos ministérios: a "*Presidência da celebração do Domingo na ausência de Presbítero*" e a "*a Celebração do Luto e do rito das Exéquias*".

[5] Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, 3.

[6] Carta Apostólica sob forma de "Motu Proprio *Spiritus Domini*, de 10-01-2021

[7] Cf. Carta Apostólica sob forma de "Motu Proprio" *Antiquum Ministerium*, 10-05-2021.

[8] Cf. CEP, *Ministérios laicais para uma Igreja ministerial*, 22-06-2022.

[47] No primeiro caso – **celebração dominical presidida por um ministro não ordenado** – trata-se de ir ao encontro das situações cada vez mais frequentes, também na nossa Diocese, em que não é possível garantir a presença de um Presbítero para assegurar a Eucaristia dominical, incluindo as celebrações ao Sábado. A celebração presidida por um ministro não ordenado, embora não seja uma Eucaristia, é a celebração do Dia do Senhor, com a reunião da comunidade para a proclamação e meditação da Palavra de Deus, a oração e a distribuição do Pão Eucarístico, previamente consagrado. Este ministério pode ter hoje um campo importante de ação, em celebrações para os mais idosos, concretamente nas estruturas residenciais a eles destinadas, onde se torna cada vez mais difícil assegurar a presença regular de um padre. Não se trata de validar a ausência deste, mas de articular diversas formas de presença da Mãe-Igreja que nunca abandona nenhum dos seus filhos, especialmente quando mais sentem a solidão e o abandono.

[48] Um momento especial da vida é o acompanhamento daqueles que deixam a convivência na Igreja e **o acompanhamento e celebração do luto por parte da comunidade cristã**. Esta presença da comunidade não se resume à celebração do rito das Exéquias e, muitas vezes, não é possível ter um ministro ordenado a presidir. Preparar pessoas para acompanharem as famílias neste momento determinante, que implica profundamente a nossa fé e a nossa esperança batismal, é o que esta proposta representa.

[49] **Em ambos os casos, somos chamados a discernir**, como Igreja diocesana, o melhor modo de celebrar os momentos significativos da nossa fé, nas condições em que vivemos, não como simplificação e banalização daquilo que é importante, mas como ocasião e desafio para renovar e exprimir a fé, a vida e a esperança que nos animam, não delegando simplesmente a responsabilidade sobre uma única pessoa, mas participando ativamente no sentido sinodal de ser Igreja.

2.5 Conselhos, Comissões e outros serviços

[50] Para além dos Ministérios Ordenados e Laicais, **uma Igreja sinodal vive também de outros serviços e funções** que permitem a realização da sua vida e missão: os mais práticos como a manutenção, apetrecho, asseio e embelezamento de ambientes comunitários; a atenção para com os mais necessitados da comunidade e da sociedade, como a Cáritas e outras manifestações samaritanas do Evangelho; os serviços ligados ao acolhimento e à liturgia, como a música e o canto; a organização de eventos evangelizadores e festas comunitárias; o cuidado com as comunicações sociais e com a sua função de comunhão e evangelização... Todos estes dons devem ser acolhidos com alegria e gratidão, mas igualmente com discernimento segundo o Espírito do Senhor, para que sejam orientados e colocados ao serviço da comunidade e da sua missão. Na verdade, os serviços e ministérios, não são simplesmente uma questão pessoal, de um grupo ou de maioria de votos. Devem ser sempre manifestação de escuta do Espírito de Deus e da comunidade.

[51] **Este capítulo III do último Sínodo dos Bispos deve ser lido, relido, refletido e aplicado**, tendo em vista a situação concreta da nossa Igreja de Leiria-Fátima. É positivo que todas as Paróquias já disponham de um Conselho Económico e que outras estruturas possuam igualmente órgãos de participação na administração e decisão dos bens e de tudo o que a todos diz respeito. No entanto, temos ainda um grande caminho a percorrer no campo da sinodalidade: é uma tarefa a pensar, organizar e tornar operativa no âmbito do Projeto Pastoral para os próximos quatro anos, particularmente no que diz respeito à revisão dos estatutos dos conselhos pastorais, nas paróquias e em todas as instituições da nossa Igreja

Local. Também ao nível geral da Diocese, esta reflexão deve ser feita a partir daquilo que já fazemos bem e procurando converter e articular melhor os serviços diocesanos (Cúria), com o olhar centrado no caminho sinodal em que estamos implicados. O Projeto quadrienal tem precisamente a função de promover esta conversão e articulação dos processos sinodais na nossa Diocese, nos próximos quatro anos.

3. UNIDADES PASTORAIS

A conversão das ligações – DFS Cap. 4

> "A Igreja sinodal é feita de laços que se unem na comunhão e de espaços para a variedade de cada povo e de cada cultura. Num tempo em que muda a experiência dos lugares onde a Igreja está radicada e peregrina, é necessário cultivar de forma nova o intercâmbio de dons e o entrelaçamento dos laços que nos unem, apoiados pelo ministério dos Bispos, em comunhão entre si e com o Bispo de Roma." (DFS, 109).

[52] Nos últimos anos, toda a Igreja foi convocada para um processo de reflexão e transformação visando a sua própria vida e missão, animada pela voz e pelos gestos proféticos do Papa Francisco e, agora, do Papa Leão XIV. O processo de escuta da Igreja, embora longe de envolver todos os batizados, contou com a participação de milhões de pessoas em todo o mundo e convergiu para a XVI Assembleia Geral dos Bispos, realizada em duas sessões, em 2023 e 2024. Resumido no Documento Final desta Assembleia, que o Papa Francisco declarou "Magistério" – ensino com autoridade para toda a Igreja – o caminho sinodal dos últimos anos representou um vento do Espírito a soprar na Igreja, que continua a despertá-la e a renová-la.

[53] É deste caminho que nasce também a transformação pastoral da Diocese, com a instituição das Unidades Pastorais. O texto do capítulo IV do DFS, acima mencionado, ilumina o objetivo desta transformação, ou conversão do coração, que gera comunidades de irmãos e irmãs, a partir da sua condição de filhos e filhas de Deus, em cada lugar singular, mas sempre abertas e articuladas com outras comunidades e com toda a Igreja. Tudo começa no convite a "cada pessoa a alargar o espaço do seu coração, o primeiro "lugar" onde ressoam todas as nossas relações, enraizadas na relação pessoal de cada um com Cristo Jesus e com a sua Igreja." (DFS, 110).

[54] Nenhuma comunidade vive apenas por si mesma e para si mesma. É em conjunto que as comunidades, que são Igreja Local com o seu Bispo, os Presbíteros e Diáconos e os Ministérios Laicais, asseguram a unidade de todos e cuidam para que a ninguém falte o alimento da fé e o apoio do amor fraterno. Por sua vez, através do Bispo, cada Igreja Local une-se às outras Igrejas, com os seus bispos, em comunhão com o Papa, sucessor do Apóstolo Pedro, tendo o Senhor Jesus como seu Pastor. A Igreja não trabalha simplesmente com redes: ela própria é uma rede de articulações e ligações, por onde passa a vitalidade do Espírito que une as Igrejas e as move para a missão comum. A Igreja é sempre local e sempre articulada e universal.

[55] Este é o espírito que preside à constituição das Unidades Pastorais, anunciada na nossa Diocese na Carta Pastoral de 04-10-2023, "Pelo Batismo somos Igreja viva e peregrina". Aí se anunciava a introdução das Unidades Pastorais, no capítulo 5-b) "A articulação sinodal da Igreja". Seguiu-se um processo de consultas pessoais, de grupos, de assembleias vicariais e de discernimento ao nível dos órgãos da Diocese. Assim se foram estabelecendo os princípios fundamentais e se desenhou o mapa atual da articulação das Paróquias em Unidades Pastorais, a primeira das quais, Marrazes (UP 2), que teve início a 28-09-2024, seguindo-se Ourém (UP 12), ainda nesse ano, e as restantes durante o ano seguinte, concluindo-se com a da Marinha Grande (UP 3), a 29-11-2025.

[56] **Como todos os começos, também este conheceu pontos positivos e outros menos claros**. Se os princípios gerais eram compreensíveis, a sua concretização foi-se

construindo mais lentamente e as questões não estão todas resolvidas. Algumas Unidades Pastorais estão a fazer um bom caminho e outras têm encontrado dificuldades em acertar o seu percurso. Traçar o mapa e estabelecer os princípios foi apenas o começo da transformação. É como compor o terreiro para nele dançar, ou limpar o terreno para nele semear.

[57] Com a introdução das Unidades Pastorais, nos últimos dois anos **mudámos algumas estruturas e processos, mas levará mais tempo a adotar atitudes e métodos adequados** a este novo terreno e ao mundo em rápida e profunda mudança. O nosso caminho passa por superar dificuldades e semear e viver uma Igreja mais sinodal, participativa e missionária:

a) *Mais fraterna*, pelo dom do Batismo – *conversão das relações* (DFS, Cap. 2) – que gera filhos e filhas, irmãos e irmãs, que rezam em suas casas e tomam parte juntos na celebração dominical do dia do Senhor; que partilham, com a comunidade e com quem precisa, os dons que recebem de Deus. Este testemunho de fé e participação ativa é semente do Evangelho para quem não crê, como diz o livro dos Atos dos Apóstolos: *"Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava todos os dias o número dos que tinham entrado no caminho da salvação."* (At 2,47). Esta atitude de abertura a Deus e aos irmãos vive-se numa comunidade paroquial e abre-se a outras paróquias, formando a Unidade Pastoral e a Igreja.

b) *Mais corresponsável*, através dos ministérios e serviços – *conversão dos processos* (DFS, Cap. 3) – promovendo a disponibilidade e a corresponsabilidade para colocar os próprios dons ao serviço da comunidade, aceitando os ministérios e tarefas que venham a ser pedidos, para o serviço de todos.

   A transformação ministerial constitui uma dimensão fundamental do ser Igreja e deve ocupar-nos nos próximos anos. Deve ser impulsionada pela atitude de liderança sinodal e corresponsável da Equipa Presbiteral, acolhendo a metodologia de Jesus de enviar os seus discípulos dois a dois. Nas Unidades Pastorais, a comunhão entre os membros da Equipa Presbiteral, que não implica necessariamente o residir juntos, e entre estes e o Bispo, deve dar o tom e marcar as atitudes de todos os que exercem qualquer ministério ou serviço na Igreja.

   Além disso, *há que assegurar que as Paróquias e as Unidades Pastorais disponham dos órgãos de participação e corresponsabilidade*, especialmente o Conselho Pastoral e o Conselho para os Assuntos Económicos, ajustando os seus estatutos e missões à realidade local e ao espírito sinodal que os deve orientar.

c) *Mais articulada*, para construir sinergias de comunhão e missão entre as paróquias da UP – *converter as ligações* (DFS, Cap. 4) – a fim de que ninguém se feche em si próprio, isolando-se da rede de solidariedade e de vida que é a Igreja. Esta articulação entre as Paróquias de cada UP deve ser objeto de reflexão, sem anular a dinâmica paroquial, nem o papel das Vigararias, no conjunto da Igreja Diocesana.

   As Unidades Pastorais oferecem novas possibilidades de implementação dos Ministérios Laicais, pela possibilidade de partilha e complementaridade de recursos humanos entre as paróquias, por exemplo na formação, na implementação de dinamismos de entreajuda na evangelização, bem como na organização comum de assuntos administrativos ou burocráticos, a nível de paróquia ou de UP, de modo a

libertar os Presbíteros para a missão específica que lhes é confiada. Para tal, é importante que os ministérios não se fechem numa ótica simplesmente pessoal ou paroquial, mas se abram à conversão sinodal das relações e dos processos no interior das comunidades e Paróquias e na partilha entre elas, feita em Unidades Pastorais.

- *Nos próximos anos*, à luz do caminho sinodal e da experiência adquirida e tendo em conta a diversidade que carateriza as diversas Unidades Pastorais, havemos de encontrar processos que promovam a comunhão e a missão, a nível das Paróquias, Unidades Pastorais e Vigararias, sem anular a vitalidade que o Espírito cria em cada uma das nossas comunidades.

4. IGREJA MINISTERIAL EM MISSÃO

Formar um povo de discípulos missionários – DFS Cap. 5

> "A sinodalidade implica uma profunda consciência vocacional e missionária, fonte de um estilo renovado nas relações eclesiais, de novas dinâmicas participativas e de discernimento eclesial, e de uma cultura da avaliação... A formação em estilo sinodal da Igreja promoverá a consciência de que os dons recebidos no Batismo são talentos a fazer frutificar para o bem de todos: não podem ser escondidos ou permanecer inoperantes." (DFS, 141).

4.1 A missão de Jesus

[58] O texto do último Sínodo acima mencionado mostra que a transformação sinodal e missionária da Igreja é fundamentada no Batismo, pela ação do Espírito Santo, que nos transforma à imagem de Cristo, nos une em Igreja e concede dons para continuar a missão desta no mundo, tendo como modelo a vida de Jesus, os seus gestos e a sua entrega, em obediência ao projeto salvador do Pai.

[59] De facto, a missão (o projeto de Deus, a vontade de Deus) é o que move Jesus, determina as suas prioridades e opções e confere força salvadora às suas palavras e ações. Ele é apresentado por João Batista, nas margens do rio Jordão como "Aquele que batiza no Espírito Santo" (Mc 1,8; Jo 1,31-34) e, pela voz do Pai, como "Filho querido" (Mc 1,11), no deserto, rejeita a lógica do egoísmo, da manipulação e do poder humano para aderir plenamente ao projeto libertador e salvador de Deus (cf. Mt 4,1-11). Na sinagoga da sua terra, aplica à sua missão a profecia de Isaías: *"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor... Começou então a dizer-lhes: «cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura que acabais de ouvir.»"* (Lc 4,14-21). É preciso que cada batizado, cada comunidade e toda a Igreja possam dizer: também hoje procuramos, pela nossa oração, vida e ação, que esta profecia se cumpra!

[60] O anúncio de Jesus não se fica apenas em palavras, mas transforma-se em atitudes e gestos concretos de libertação, proximidade, cura e transformação existencial:

- Cura um possesso, na sinagoga, afirmando o poder libertador e misericordioso de Deus sobre todos os espíritos de alienação, manipulação e abuso da dignidade (cf. Mc 1,21-28) e restabelece a sogra enferma de Pedro, que recupera a capacidade de servir a família e os hóspedes (cf. Mc 1,29-34).
- Toca e cura um leproso, desafiando as leis da impureza e da segregação social (cf. Mc 1,40-45), e chama Levi, um cobrador de impostos, para seu discípulo e come à sua mesa com outros pecadores e desprezados, porque a misericórdia do Pai é sempre maior do que a fraqueza do pecado e Ele veio especialmente para os pecadores (cf. Mc 2,13-17).
- *Denuncia a hipocrisia e insensibilidade* de quem priorizava o sábado em detrimento do sofrimento humano, pois o Dia do Pai é sobretudo para mostrar o seu poder de sarar feridas e cuidar de quem precisa (cf. Mc 3,1-6).
- *Passa fronteiras, enternece-se pela aflição de uma mãe sirofenícia* e cura-lhe a filha (cf. Mc 7,24-30); elogia o samaritano estrangeiro e herege que tem compaixão como o Pai do Céu (Lc 10,29-37); em parábolas, descreve a alegria desse Pai pelo regresso do

filho pródigo que lhe gastou os bens e partiu o coração (Lc 15,11-32); do pastor que abandona 99 ovelhas para ir à procura daquela que se tresmalhou (cf. Lc 15,4-7); da canseira e alegria da dona de casa pela moeda recuperada (cf. Lc 15,8-10).

- *E sobretudo, deu a vida livremente por todos e todas*, judeus e gentios, justos e pecadores, porque o amor do Pai é maior do que a violência e o ódio fratricida dos humanos e não perece nem naquilo a que chamamos morte.

[61] **Este deve ser o rosto da Igreja e da sua missão**: expressão e anúncio do amor invencível de Deus, sempre *"em saída"* e em estilo de *"hospital de campanha"*, como dizia o Papa Francisco, utilizando a compaixão samaritana como principal expressão e atitude de evangelização, em obediência ao lema com que conclui a parábola: *"Vai e faz tu também o mesmo!"* (Lc 10,37).

[62] **Mas a missão não é um caminho de triunfo humano**. Jesus nunca viu, com os olhos humanos, a maturação da semente do Evangelho que anunciou e iniciou. No Jardim das Oliveiras, os discípulos dormiam enquanto Ele orava, fugiram quando foi preso e, na cruz, Ele morre, como um blasfemo para os manipuladores religiosos e rebelde para os senhores do poder, abandonado pelos seus discípulos e, assim parece, também de Deus. Em critérios humanos, tudo estava terminado… mas estava tudo apenas a começar, como Ele tinha dito. Na missão, a cruz estará sempre presente, revelando o seu sentido e fecundidade.

[63] **A cruz significa a rejeição da violência**. Jesus morreu para não matar, afastou-se das tentações de violência dos seus discípulos, e ensina que o Reino de Deus nunca pode ser imposto pela força, armas, manipulação ou abuso, mas sim pelo amor e pelo dom da própria vida.

[64] Revela também que **a cruz significa que a Igreja e a missão não são apenas humanas**. Se dependesse só dos homens, teria acabado na crucificação. Ela nasce precisamente no calvário: o sangue e a água que brotam do peito aberto de Jesus simbolizam a vida e o Batismo pelo Espírito de Jesus ressuscitado. É esta força divina que garante a continuidade da sua missão até aos dias de hoje, mesmo diante das perseguições.

[65] Significa também que **a Igreja e a missão nascem pela força do Espírito de Deus**, que desce sobre Maria na anunciação, conduz a missão de Jesus, segundo a profecia de Isaías e o testemunho de João Batista, e é por Ele dado à Igreja do alto da cruz, no solene anúncio do evangelista João e solenemente concedido aos apóstolos, com Maria e o grupo de mulheres que estiveram junto à cruz, no dia de Pentecostes, para dar início à Igreja e conduzi-la em missão pelo mundo, até ao fim dos tempos. E essa força do Espírito está presente na ação missionária de cada pessoa, comunidade e na Igreja inteira.

4.2 Maria, Mãe e modelo da Igreja missionária

[66] **Junto à cruz, Jesus quis associar Maria, sua Mãe, ao futuro do projeto/missão do Pai**: *"Vendo a sua mãe e o discípulo amado junto dela, Jesus disse à mãe: 'Mulher, vê o teu filho. Então disse ao discípulo: 'Vê a tua mãe!' E a partir dessa hora esse discípulo recebeu-a em sua casa."* (Jo 19,26-27). O caminho missionário de Maria, começou com o seu "sim" humano que permitiu que o Filho de Deus encarnasse no seu ventre assumindo o projeto do Pai. *"Apressadamente"* missionária, fora levar Jesus ao povo de Israel, para quem Ele veio em primeiro lugar, representado por Zacarias e Isabel e João Batista, ainda no ventre da mãe (Lc 1,39-56) e prosseguiu, com José no cuidado de Jesus e no acompanhamento da sua missão. Agora, aos pés da cruz, a palavra de Jesus revela aquilo

que tantas vezes deixava Maria perplexa e que ela ia meditando no seu coração (cf. Lc 2,19.51). A sua presença de mãe dolorida e solidária junto da cruz é a espada de dor reveladora, como anunciara o velho Simeão: *"uma espada trespassará a tua alma, para que se revelem os pensamentos de muitos corações."* (Lc 2,35). Agora Maria também pode ver e partilhar com o coração o sentido da vida e da missão de Jesus.

[67] **A palavra de Jesus na cruz, a sua mãe e ao discípulo**, não cumpre simplesmente o dever de assegurar proteção à sua mãe, antes de morrer. Agora, junto à cruz, de onde está para jorrar o sangue e a água, de onde nasce a Igreja, Maria recebe a missão de Mãe e Nova Eva, nessa nova casa dos discípulos. Depois da ressurreição de Jesus, encontramo-la em oração com os apóstolos no Cenáculo, aguardando e recebendo o dom do Espírito Santo no Pentecostes (cf. At 1,14). Ela não é colocada num pedestal acima ou ao lado de Jesus, mas sim integrada na comunidade, ao lado dos discípulos, agora apóstolos, comunicando-lhes, como Mãe, o que significa ser *"serva do Senhor"*, para realizar a sua vontade/projeto de Deus para a missão em todo o mundo. A sua presença de Mãe faz ecoar na Igreja, agora e na história futura, aquilo que dissera no início da missão de Jesus, em Caná da Galileia: *"Fazei tudo aquilo que Ele vos disser."* (Jo 2,5).

[68] **A nossa Diocese de Leiria-Fátima** foi o local escolhido, como muitos outros ao longo da história, para que este rosto materno de Maria se manifestasse à Igreja. Em tempos de extrema exigência histórica – caracterizados pela pobreza generalizada, o analfabetismo, a guerra, uma pandemia incontrolável e a propagação de ideologias violentas – Maria veio ao encontro de três crianças, os pastorinhos, Jacinta, Francisco e Lúcia. Não lhes escondeu a tristeza de Deus perante as dores do mundo, mas fez algo revolucionário: libertou-os do medo. Ao fasciná-los com a beleza do rosto de Deus, infundiu-lhes uma resiliência e um espírito profético muito superiores à sua idade. A mensagem confiada aos Pastorinhos transformou-se num farol universal que atrai multidões e gera esperança onde parece reinar o desalento.

[69] **A mensagem de Fátima desafia-nos de dois modos**, ambos ligados aos mais humildes e pequenos do Evangelho: primeiro, porque a missão do Evangelho proposta por Jesus e, em Fátima, por Maria, tem os mais pequenos e débeis como primeiros destinatários: *"Eu te dou graças, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos"* (Mt 11,25). Esse foi também o critério de Maria em Fátima: ela dirige-se aos pequenos e humildes, a quem faz entender tantas coisas que ficam escondidas aos poderosos e sábios, com ternura afetuosa que cativa. Segundo, porque, em ambos os casos, também as crianças e os mais pequenos são transformados em profetas e missionários das mensagens que recebem dos mais poderosos e letrados. Esta missão dos mais pequenos e para os mais pequenos deve marcar a missão da nossa Igreja de Leiria-Fátima e ajudar-nos a dar prioridade aos mais débeis, e aos pobres, como primeiros destinatários e protagonistas da vida e da missão.

4.3 Traços de uma Igreja Missionária

[70] **A essência da Igreja reside em continuar a missão salvadora de Jesus**, como afirma a conclusão do Evangelho de São Mateus: *"Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos … Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos."* (Mt 28,18-20). Esta missão não é apenas um esforço humano, mas torna-se possível apenas pelo dom do Espírito: *"Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que*

descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo." (At 1,8).

[71] **Responder a este apelo de Jesus e mobilizar as nossas comunidades para a missão**, deve partir da vida das comunidades, mas deve acolher igualmente as sugestões de renovação que o Espírito tem sugerido à Igreja, a partir do caminho sinodal, onde sobressaem alguns pontos para o nosso Projeto Pastoral:

a) É a partir do Espírito, nos sacramentos do Batismo e do Crisma, que devem revelar-se discípulos e discípulas com um coração genuinamente fraterno, sinodal e missionário. Por esta razão, a celebração destes sacramentos deve ser objeto de um muito especial cuidado pastoral e formativo. Eles não podem ser reduzidos a meros ritos sociais ou formalidades tradicionais; devem, sim, representar uma transformação autêntica que configure a pessoa com Cristo e a impulsione para a participação na comunidade e para a ação missionária.

b) *A celebração da Eucaristia* constitui a renovação constante desta atitude ativa de cada batizado. Por isso, diz o Sínodo, *"cuidar da sua celebração do melhor modo, com particular atenção à homilia e à 'participação ativa' de todos, é decisivo para a sinodalidade."* (DFS 142). Sem a comunhão com Cristo e sem a presença nesta assembleia semanal, quebra-se o vínculo que alimenta as relações com Deus e o dinamismo da Igreja no mundo.

c) *Os Ministérios Ordenados e Laicais* constituem o foco principal do presente Projeto Pastoral. Todos eles devem ter sempre um horizonte missionário. Orar, promover, formar e organizar os Ministérios será uma das nossas grandes metas. É importante que cada um, diante de Deus e fiel à vocação batismal, se pergunte: "Que quereis de mim Senhor, qual é o meu papel na tua Igreja?"

d) *A implementação das Unidades Pastorais* é uma forma concreta de colocar no terreno e de coordenar ministérios e serviços, em espírito sinodal, gerando sinergias, partilha e complementaridade, para melhor realizar a nossa missão, promovendo a participação comunitária e a sua articulação com toda a Igreja numa perspetiva missionária. Consolidar, aprofundar e organizar as Unidades Pastorais é um contributo enorme para o futuro da nossa Igreja diocesana, em sintonia com o que está a acontecer por toda a Igreja.

4.4 Outros desafios da Igreja de Leiria-Fátima

[72] **Uma Igreja missionária não pode ser como uma estação fixa de serviços religiosos**, com uma pastoral de conservação, resignada e virada para os fiéis que já estão dentro. Temos de ter a coragem de sair para o largo, de procurar renovar o dom do Batismo naqueles que estão dentro e semeando a alegria do Evangelho, encetando novos caminhos para ir ao encontro da sociedade em constante mudança, identificando, nas novas carências, oportunidades e desafios e marcando presença nos novos areópagos sociais. Elenco algumas destas preocupações e desafios:

a) Especial atenção merecem *os batizados que já se esqueceram do caminho da Igreja* ou que raramente se aproximam dela. Em vez de ficar a lamentar e acusar, é preciso, sim, interrogar-se seriamente sobre as razões da deserção, mas sobretudo é necessário buscar ocasiões e caminhos de reencontro e não deixar que se extinga o pavio que

ainda fumega, enquanto, em simultâneo, se procura evitar a continuação da hemorragia.

b) *Os jovens*, em grande número, parece que perderam o interesse pela Igreja, mas muitos outros são apóstolos corajosos. Mas, sobretudo, levar o Evangelho aos jovens, significa estar próximo das suas preocupações, ansiedade e sonhos, bem como da nova linguagem e cultura em que vivem. Merece especial atenção o desenvolvimento universitário em Leiria e na nossa Região, que atrairá certamente um maior número de estudantes, da Diocese, do país e do estrangeiro. Este facto constitui-se como desafio e oportunidade para o acompanhamento humano e de fé, por parte da nova equipa pastoral da Diocese e por cada comunidade. De modo geral, levar o Evangelho aos jovens, hoje, significa viver nesta sociedade em rápida e profunda mudança, procurando novas linguagens e atitudes, para responder a novos desafios e novas oportunidades de missão, como o mesmo amor e coragem com que a Igreja foi anunciando a Boa Nova ao longo dos séculos.

c) *Os imigrantes* que estão a chegar, em grande número, ao nosso território e que frequentemente encontram portas fechadas, muros erguidos e preconceitos difíceis de superar. É importante regularizar as entradas, para que não sejam explorados, mas sobretudo é fundamental acolher com justiça e coração, para construirmos juntos um país e um mundo melhores, com o contributo de todos. Como Igreja, queremos colaborar neste propósito, oferecendo e melhorando o acolhimento dos nossos serviços e das nossas comunidades, pois, na Igreja, todos são filhos e filhas de Deus, a tratar como irmãos e irmãs.

d) *As pessoas e famílias atingidas por situações de pobreza, doença, isolamento* e outras fragilidades, constituem um particular motivo de preocupação e esforço para que ninguém seja deixado sozinho. Aqui se inclui também a assistência espiritual aos novos hospitais que estão a abrir e às pessoas idosas nos lares ou isoladas nas próprias casas. Este é também um setor em reorganização na Diocese, contando com instituições consolidadas, como a Cáritas e os Centros Sociais Paroquiais, e articulando com outras instituições e grupos sociocaritativos das Paróquias e Unidades Pastorais. Esta preocupação deve ser também incluída na preparação e instituição dos ministérios.

e) Hoje, não se podem fazer planos pastorais sem falar de *Informação e Comunicação*. Sabemos da importância que estes poderosos meios assumem na ligação e articulação entre pessoas e instituições e do potencial que têm na vida e na missão da Igreja. Também não nos escapa a noção dos perigos que eles representam a todos os níveis, nomeadamente no que diz respeito à inteligência artificial. Partindo das boas práticas que já possuímos, será necessário desenvolver maiores capacidades e articular competências, ao serviço da vida e da missão, para responder aos novos desafios da Igreja Diocesana.

f) *A formação* vai ter um papel fundamental na resposta a todos estes desafios. Hoje, todos precisamos de estar constantemente a atualizar a tradição que recebemos, a escutar a voz do Espírito, atentos à rápida e radical mudança da sociedade, para inserir o fermento do Evangelho nesta evolução que está a acontecer. Particularmente o desafio de implementação de novos ministérios e serviços vai exigir um grande esforço de preparação e formação. As instituições de formação da Diocese, bem como os departamentos específicos que contribuem para a formação dos responsáveis nos seus

setores, são chamados a desempenhar um papel determinante na transformação pastoral em curso. A coordenação de atividades, o ajustamento de metodologias e novos meios de encontro em estudo vão requerer um esforço grande, particularmente por quantos têm este setor a seu cargo.

g) *Os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica* e outros Movimentos Eclesiais são numerosos na nossa Diocese, com uma concentração à volta do Santuário de Fátima. Alguns têm já uma participação valiosa na vida da Diocese, em diversos campos de missão, e representam um potencial espiritual e apostólico precioso. Todos somos desafiados a buscar modos convergentes e sinodais de comunhão e missão, na Igreja diocesana, respeitando os carismas próprios de cada um e as referências internacionais de muitos, à luz e em comunhão com a vida e as orientações da Igreja e com o ministério do Papa Leão.

CONCLUSÃO

[73] A pesca abundante, narrada no Cap. 21 do Evangelho de João, dá-nos uma bela imagem do espírito de comunhão e de sinodalidade na missão. Aceitando a palavra de Jesus ressuscitado e o convite de Pedro, alguns apóstolos, cansados e desalentados, lançam a rede, que se enche prodigiosamente de inúmeros peixes, onde parecia não haver mais do que cansaço e desilusão. Todos puxam juntos a rede cheia e, apesar da abundância do peixe, ela não se rompeu. Jesus espera os discípulos na praia do seu chamamento e missão, depois de ter preparado o fogo e as brasas onde colocara peixe a assar. E pede que tragam do peixe que pescaram, porque a festa da Igreja é sempre preparada pelo Senhor ressuscitado e pelo labor e o serviço missionário dos discípulos/apóstolos (cf. Jo 21,1-14).

[74] Nos nossos dias, entre nós, em toda a Igreja e no mundo inteiro, há muita perplexidade, confusão e falta de esperança e, para muitos, falta de indicações para o caminho a percorrer. Não tenhamos medo. Também Maria se sentiu, muitas vezes perplexa, por tantas situações desafiadoras e *"conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração"* (Lc 2,19.51). Não deixemos que o cansaço e o desalento nos impeçam de reconhecer Jesus que se dá a conhecer ao preparar a refeição e sentar-se à mesa connosco, nas praias do nosso labor ou nas casas do nosso Emaús. Esta narração dirige-se a nós e a toda a Igreja, para nos ajudar a levantar a cabeça e a reconhecer o Senhor que passa na Igreja para dar novo impulso à sua vida e missão. Também nós fomos convocados para a pesca, pelo sucessor de Pedro… milhões de discípulos e discípulas estão em movimento pelas estradas da missão no mundo. É tempo de escutar com o coração, de refletir, de pegar nos remos.

[75] Assumimos, para este quadriénio o compromisso de refletir, ponderar e organizar os ministérios, que derivam do Batismo e se colocam ao serviço da vida e missão da Igreja. Procurámos delinear um percurso que possa envolver toda a Igreja, na reflexão, no estudo e na concreta organização e transformação missionária das nossas comunidades através dos ministérios que a dinamizam. A nossa Igreja tem necessidade dessa transformação, para responder à nova situação em que se encontra, no seu interior e na sociedade em que vivemos.

[76] É um desafio de vida e de fé, para cada pessoa batizada e para a comunidade em que se insere. É preciso interrogar-se no coração, na presença de Deus e perguntar: "que queres que eu faça?". E conservar e meditar no coração, e em Igreja, guiados ainda pelo caminho de Maria: *"Sou a serva do Senhor, aconteça em mim a tua palavra"* (Lc 1,38). Mas é também um desafio de Igreja, que deve discernir, organizar, preparar e articular os dons que o Espírito faz surgir nas suas comunidades.

[77] **As Unidades Pastorais oferecem novas possibilidades de implementação dos Ministérios Ordenados e Laicais**, pela partilha e complementaridade de recursos humanos entre as paróquias, por exemplo na formação e na implementação de dinamismos de entreajuda na evangelização, na pastoral dos jovens, na preparação para o Batismo das crianças e catecúmenos adultos, no acompanhamento após o Batismo e após o Crisma. Para tal, é importante que os ministérios não se fechem numa ótica simplesmente pessoal ou paroquial, mas se abram à conversão sinodal das relações e dos processos, no interior das comunidades e Paróquias e na partilha entre elas, nas Unidades Pastorais, da Diocese e de toda a Igreja.

[78] No decurso deste Projeto Pastoral, **as questões de relações, processos e articulações para a missão** devem ser devidamente refletidas e convenientemente

estabilizados nas Unidades Pastorais. Há que partir das paróquias como comunidades eclesiais de referência, inseridas na realidade social e territorial, mas sem nunca se fecharem em "paroquialismo" que gera estagnação e isolamento.

[79] **Agradeço a todos os que se vão dispondo a trilhar este caminho**, a começar pelos Presbíteros, enfrentando o desafio de desenhar novos percursos e de abrir estradas e processos novos para tempos novos. Obrigado a todos os leigos, corresponsáveis nos órgãos paroquiais, nos serviços da comunidade e na presença, apoio e oração que sustentam a Igreja. Particular gratidão à Equipa Diocesana de Acompanhamento das Unidades Pastorais, que tem seguido com amor e empatia ao lado de quem sente as dificuldades, no discernimento e na esperança para continuar este caminho da nossa Igreja. Dou graças a Deus pelo percurso feito e pela certeza que Ele nos dá de que caminha connosco.

[80] Que **Maria, Mãe de Jesus e da Igreja e nossa Padroeira**, inspire e modele o nosso caminho, com a sua alegria disponível de "serva do Senhor", a sua proximidade a Jesus até à morte na cruz, a sua perseverança orante, entre os discípulos, implorando o dom do Espírito, de onde havia de nascer a Igreja. Que ela nos ensine a escutar, em coração orante, a voz desse Espírito e a partilhar com atitude fraterna o discernimento e os caminhos da missão, nesta nossa Igreja de Leiria-Fátima.

Leiria 04-10-2026,
no centenário da morte de São Francisco de Assis.

† **José Ornelas Carvalho**
Bispo de Leiria-Fátima

APÊNDICE
PARÁBOLA DO POÇO

Aquele que se fecha em si mesmo, só, nos seus projetos,
é semelhante a um homem que escavou um poço
de onde podia tirar água, sem depender de ninguém.
Temia que outros pudessem ter acesso à sua água
ou, pior ainda, interferir de alguma forma no seu uso.
Por isso, defendeu o seu poço de todos, com rigidez,
satisfeito com o seu próprio trabalho e autonomia.
Um dia, enquanto contemplava orgulhosamente
a sua própria imagem no espelho no fundo do poço,
caiu nele e, sem ninguém por perto, afogou-se em si próprio
e o seu cadáver acabou por tornar
pútrida e inutilizável a sua água.

Pelo contrário,
quem sabe integrar o seu próprio projeto no da comunidade
é semelhante a um homem
que teve a ideia de escavar um poço.
Estudou os poços existentes na aldeia,
falou com os seus proprietários
e eles foram de grande ajuda
na escolha do local e dos materiais mais adequados,
bem como na técnica de escavação.
Quando ficou pronto, ligou o seu poço
à rede formada pelos poços dos vizinhos.
Isto permitiu recolher,
além da água dos poços de todos,
também a água que caía do céu
e aquela que fluía das profundezas da terra.
Assim, nunca faltou água na aldeia;
pelo contrário, formou-se um canal,
por vezes mais abundante, outras vezes mais fino,
que fazia crescer o rio da planície,
e banhava muitas outras cidades,
antes de alcançar o grande oceano
que liga todos os continentes e povos da terra.

OBJETIVOS PROGRAMÁTICOS PARA O QUADRIÉNIO

CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 - Viver o dom do Batismo em Igreja

> "O caminho sinodal da Igreja levou-nos a redescobrir que a variedade das vocações, dos carismas e dos ministérios tem uma raiz: «todos nós fomos batizados num só Espírito para constituirmos um só Corpo» (1Cor 12,13). O Batismo é o fundamento da vida cristã, porque introduz todos no maior dom: ser filhos de Deus, isto é, participantes da relação de Jesus com o Pai no Espírito." (DFS, 21)

1.2 - Edificar a igreja sinodal em que estamos empenhados

> "A missão envolve todos os batizados. (...) Numa Igreja sinodal missionária, é necessária a promoção de formas mais numerosas de ministérios laicais, isto é, que não requerem o sacramento da Ordem, não só no âmbito litúrgico. Podem ser instituídos ou não instituídos. É preciso também uma reflexão sobre o modo de confiar os ministérios laicais numa época em que as pessoas se deslocam cada vez mais facilmente de um lugar para outro, especificando tempos e âmbitos para o seu exercício." (DFS, 66)

> "Como todos os ministérios da Igreja, o episcopado, o presbiterado e o diaconado estão ao serviço do anúncio do Evangelho e da edificação da comunidade eclesial" (DFS, 68).

1. OBJETIVO GERAL

Construir comunidades sinodais, ministeriais e missionárias.

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Formar para uma visão mais ampla da condição batismal: somos todos filhos e filhas de Deus Pai, irmãos e irmãs em Cristo Jesus e membros do Seu Povo por graça do Espírito Santo.

b) Organizar a Iniciação Cristã de Crianças, Jovens e Adultos e rever critérios para a celebração do Batismo em cada uma destas situações, a partir da reflexão em curso, na Diocese e na Igreja.

c) Acolher os dons e carismas do Senhor ao seu Povo e promover a formação dos que se dispõem a servi-Lo no ministério ordenado (Presbíteros e Diáconos), instituído (Acólito, Catequista e Leitor) e outros, reconhecidos como necessários, para o serviço da Igreja e da sua missão no Mundo.

d) Integrar na dinâmica pastoral e nos seus diversos níveis de ação, o contributo dos Consagrados presentes na Diocese, acolhendo os seus dons e inserindo-os, segundo o seu carisma, no serviço do Povo Santo de Deus.

e) Aprofundar e articular, a nível pastoral e estrutural, a transformação implementada pela instituição das Unidades Pastorais e pela reorganização das Vigararias.

f) Preparar e celebrar os 1600 anos da morte de Santo Agostinho (28-08-430) e os 100 anos do reconhecimento canónico (13-10-1930), por D. José Alves Correia da Silva, das Aparições de Fátima como "dignas de crédito".

g) Assegurar uma cultura de respeito e proteção dos mais frágeis nas diversas instâncias da Diocese.

3. OBJETIVOS PROGRAMÁTICOS PARA O TRIÉNIO+UM

Ano 1 Servir o Evangelho: 'Ide e anunciai' (cf. Mc 16,15)

Ano 2 Servir o Senhor: 'Adorar em espírito e verdade' (cf. Jo 4,23)

Ano 3 Servir os Irmãos: 'Ele passou fazendo o bem' (cf. Act 10,38)

Ano 4 Ano Jubilar: ´Eu estou sempre convosco´ (cf. Mt 28,20)

3.1 Ano 2026/27 - Servir o Evangelho: 'Ide e anunciai' (cf. Mc 16,15)

3.1.1 Ao nível diocesano

a) Rever, ao longo do quadriénio, a oferta formativa da Diocese, tendo em conta o conhecimento efetivo da Palavra de Deus, a espiritualidade e o aprofundamento teológico e sócio-caritativo, para consolidar e inspirar a transformação pastoral em curso na Igreja diocesana, nomeadamente no que diz respeito à realidade batismal e aos ministérios.

b) Promover a criação de Equipas Pastorais do Batismo, tanto para crianças e adolescentes como para jovens e adultos e cuidar da sua formação.

c) Criar um guião/subsídio formativo comum sobre o Batismo para as paróquias e um desdobrável acessível para pais e padrinhos.

d) Determinar o perfil e promover a integração do Diaconado Permanente na vida e missão da Igreja Diocesana.

e) Definir a missão e o âmbito de ação dos Ministérios batismais laicais instituídos e estudar a necessidade de outros ministérios para a vida e missão da Igreja Diocesana.

f) Promover a articulação das diversas respostas sociais da Diocese para identificar novos desafios, criar sinergias e otimizar recursos.

g) Acompanhar a implementação das Unidades Pastorais e propor formação para o aprofundamento do caminho de transformação em curso, nomeadamente, para as Equipas de Coordenação Pastoral.

h) Rever o modelo do Retiro Popular.

3.1.2 Ao nível vicarial

a) Aprofundar a leitura da realidade envolvente para melhor responder aos desafios locais, com os dons e carismas presentes nas comunidades.

b) Discernir e consolidar dinâmicas pastorais, nomeadamente ao nível da formação (ministérios…), que melhor possam servir a comunhão e a missão das UP e Vigararias.

c) Promover reflexão sobre a instituição dos ministérios laicais nas UP de cada Vigararia.

d) Cuidar, na implementação do Catecumenado, da inserção dos catecúmenos nas comunidades e do seu acompanhamento mistagógico, em articulação com as UP e suas Paróquias.

e) Articular, com os serviços pastorais diocesanos e as UP, modos de fazer circular a informação.

3.1.3 Ao nível das UP/Paróquias

a) Envolver os pais e a Comunidade na iniciação cristã das crianças e adolescentes.

b) Promover o discernimento eclesial dos fiéis leigos a convidar para os diversos ministérios laicais e providenciar a sua formação, em articulação com a Vigararia e a Diocese.

c) Promover o discernimento vocacional e o seu acompanhamento nas comunidades, em coordenação com as UP e o serviço Diocesano responsável por este setor vital.

d) Identificar e convidar os membros das comunidades que vão integrar as Equipas Pastorais do Batismo, em articulação com o programa diocesano.

e) Desenvolver caminhos específicos de acolhimento e corresponsabilização dos jovens na vida e missão das comunidades.

f) Implementar a Comissão para os Assuntos Económicos da UP.

g) Avaliar a necessidade de novos ministérios para o serviço da UP, em articulação com a Vigararia.

3.2 Ano 2027/28 - Servir o Senhor: 'Adorar em espírito e verdade' (cf. Jo 4,23)

3.2.1 Ao nível diocesano

a) Promover formação para as Equipas Pastorais do Batismo (EPB) e para os ministérios batismais laicais, em coordenação com as vigararias e as UP.

b) Elaborar e publicar normas para o exercício dos ministérios laicais.

c) Especificar as funções a desempenhar pelos Diáconos Permanentes, em articulação com os ministérios laicais instituídos e não instituídos.

d) Promover formação para as Comissões de Assuntos Económicos das UP.

e) Comemorar o centenário de nascimento do P. Carlos Silva (05-03-1928), valorizando o seu serviço à música litúrgica, no Seminário e no Santuário, na Diocese e em Portugal.

3.2.2 Ao nível vicarial

a) Aprofundar a reflexão sobre os pedidos de Batismo: motivações, itinerários para a iniciação cristã de crianças, jovens e adultos.

b) Cuidar da inserção pastoral dos candidatos ao Diaconado Permanente.

c) Promover reflexão sobre as festas religiosas e o seu enquadramento sociocultural, em ordem à clarificação do seu estatuto e missão pastoral.

d) Avaliar a necessidade e utilidade da partilha de serviços e recursos entre as UP da mesma Vigararia.

e) Evocar o III.º Centenário do 'Milagre do Maio' que está na origem do Santuário do Senhor Jesus dos Milagres.

f) Evocar os 440 anos do "Milagre de Susana Dias" que impulsionou a construção do Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, em Leiria.

3.2.3 Ao nível das UP/Paróquias

a) Discernir que ministérios a UP precisa e, de entre eles, qual ou quais são prioritários.

b) Concretizar a formação dos fiéis leigos para os diferentes ministérios.

c) Definir que serviços da UP poderiam ser confiados a um Diácono Permanente.

d) Criar uma equipa de Animação Vocacional que promova oração, acompanhe e ofereça oportunidades de contacto com diferentes vocações.

e) Cuidar dos acessos, acústica e climatização dos espaços de culto e centros pastorais.

3.3 Ano 2028/29 - Servir os Irmãos: 'Ele passou fazendo o bem' (cf. Act 10,38)

3.3.1 Ao nível diocesano

a) Cuidar de uma cultura vocacional na Diocese que permita despertar em cada batizado o dom recebido e crescer no desejo de o colocar ao serviço do bem comum, dentro e fora do espaço eclesial.

b) Criar, com o contributo dos agentes da pastoral sócio-caritativa da Diocese, uma rede integrada e integradora dos dinamismos existentes.

c) Cuidar da presença da Igreja junto dos meios de comunicação social e digital, bem como dos meios sócio-profissionais.

d) Promover, através do Departamento do Património Cultural Diocesano, reflexão sobre o património documental das instituições da Diocese, com vista à sua conservação e guarda.

e) Avaliar o caminho feito pelas UP, para identificar o que precisa ser corrigido e melhorado.

3.3.2 Ao nível vicarial

a) Promover o espaço vicarial como lugar de encontro entre as dinâmicas diocesanas e a sua tradução prática nas UP e suas Paróquias.

b) Promover parcerias que criem sinergias dentro e fora do espaço eclesial, tendo em conta os mais carenciados da sociedade.

c) Cuidar da inserção dos Diáconos Permanentes na dinamização do serviço sócio-caritativo das comunidades.

d) Implicar os jovens nas respostas sócio-caritativas das Comunidades, atribuindo-lhes responsabilidades na sua programação e realização.

e) Promover reflexão sobre a relação entre Paróquias/UP e Centros Sociais Paroquiais, responsabilidades administrativas, missão dos párocos e corresponsabilidade laical.

3.3.3 Ao nível das UP/Paróquias

a) Promover o discernimento eclesial dos dons e carismas presentes nas Comunidades para o serviço dos mais frágeis.

b) Criar equipas sócio-caritativas em todas as UP/paróquias.

c) Organizar formas de voluntariado que permitam a presença cristã e pessoas de boa vontade junto de quem vive mais isolado na sua fragilidade.

d) Implementar propostas pastorais que envolvam os migrantes.

e) Avaliar, em UP, o caminho percorrido, para integrar novos contributos e competências.

3.4 Ano Jubilar - 2029/30: ´Eu estou sempre convosco´ (cf. Mt 28,20)

3.4.1 Ao nível Diocesano

a) Evocar os 1600 anos da morte de Santo Agostinho (28-08-430) e os 100 do reconhecimento canónico das Aparições de Fátima (13-10-1930) como "dignas de crédito".

b) Conhecer o contributo de Santo Agostinho para a Igreja e para a Cultura Ocidental.

c) Estudar o significado e alcance eclesial da Diocese e dos seus bispos, ao propor as aparições de Fátima como "dignas de crédito" e promotoras da vida e missão da Igreja.

d) Apresentar, à luz dos desafios de hoje para a Igreja e para o Mundo, a atualidade da mensagem de Fátima, centrada nos apelos universais à oração, à conversão e à paz, cuidando especificamente dos mais pequenos e frágeis.

e) Promover as parcerias necessárias com instituições civis e académicas, dentro e fora do espaço eclesial, para a celebração condigna dos centenários de 2030.

f) Fazer a avaliação do caminho percorrido no quadriénio, procurando estabelecer novas metas para o futuro.

3.4.2 Ao nível vicarial

a) Criar condições para a vivência do legado espiritual de Santo Agostinho com famílias, jovens, instituições públicas e culturais, em articulação com a programação diocesana.

b) Propor a espiritualidade do Coração Imaculado de Maria como síntese integrada e integradora da espiritualidade cristã e aprofundar a experiência espiritual dos Pastorinhos.

c) Avaliar, por vigararia, o percurso pastoral do quadriénio e sugerir caminhos de futuro.

3.4.3 Ao nível das UP/Paróquias

a) Criar percursos de meditação e oração com textos de Santo Agostinho e enriquecer as atividades pastorais com o contributo do seu pensamento; celebrar a data do seu Batismo (24 para 25 de abril), bem como o dia da sua festa litúrgica (28 de agosto).

b) Promover o espírito de oração nas comunidades, através da recitação do Rosário e de outras formas de oração comunitária e pessoal; dignificar a peregrinação da Diocese e de outros grupos a Fátima; desenvolver o conhecimento da espiritualidade dos Pastorinhos como modelo de transformação, especialmente entre crianças e jovens.

c) Avaliar o percurso feito a nível paroquial das Unidades Pastorais, elaborando propostas para o futuro.

ÍNDICE

Palavra de Introdução 1
1. Filhos e irmãos pelo Batismo 1
1.1 Filhos e filhas, irmãos e irmãs, em Igreja 1
1.2 Edificar a Igreja como filhos e filhas de Deus, oriundos de toda a terra 1
2. Igreja sinodal nos dons, ministérios e serviços 1
2.1 Carismas e Ministérios - serviço e corresponsabilidade na construção da Igreja 1
2.2 O ministério ordenado 1
2.3 Os ministérios laicais para toda a Igreja 1
2.4 Outros ministérios 1
2.5 Conselhos, Comissões e outros serviços 1
3. Unidades Pastorais 1
4. Igreja ministerial em Missão 1
4.1 A missão de Jesus 1
4.2 Maria, Mãe e modelo da Igreja missionária 1
4.3 Traços de uma Igreja Missionária 1
4.4 Outros desafios da Igreja de Leiria-Fátima 1
Conclusão 1
Apêndice Parábola do Poço 1
Objetivos programáticos para o quadriénio 1
Contextualização 1
1. Objetivo geral 1
2. Objetivos específicos 1
3. Objetivos programáticos para o triénio+um 1